



LITERATURA, PARA QUE TE QUERO?

Módulo para o 3.º CEB

O TEMPO DA LEITURA EM SALA DE AULA

Formanda: Elisabete Balhau

Trabalho Final: Plano de distribuição de sessões de leitura de uma obra integral

A leitura de uma obra integral habitualmente implica a concessão de muito tempo. Naturalmente, tal varia consoante a extensão e/ou a complexidade da obra selecionada.

Ainda assim, surge a questão: como torná-la profícua, garantindo que acontece (estritamente) em contexto de aula (ou somada a momentos de leitura individual em espaços alternativos)?

Acresce uma outra pergunta: que estratégias utilizar para estimular o interesse por parte dos alunos, levando-os a aguardar ansiosamente pela aula seguinte?

Imbuída da ambição de conseguir pôr em prática a dita leitura de uma obra integral, em contexto de aula, aqui apresento um plano de leitura que proponho para o 9.º ano, tanto mais que a obra por mim selecionada integra o conjunto das (obras) indicadas para o desenvolvimento da Educação Literária para o nível de ensino em causa.

Descritores do nível de desempenho esperado na leitura

- Realizar leitura em voz alta, silenciosa e autónoma, não contínua e de pesquisa.
- Explicitar o sentido global de um texto.
- Fazer inferências devidamente justificadas.
- Identificar temas, ideias principais, pontos de vista, causas e efeitos, factos, opiniões.
- Reconhecer a forma como o texto está estruturado (diferentes partes e subpartes).
- Compreender a utilização de recursos expressivos para a construção de sentido do texto.
- Expressar, com fundamentação, pontos de vista e apreciações críticas suscitadas pelos textos lidos.
- Utilizar procedimentos de registo e tratamento da informação.

Obra selecionada

Caminha, Pero Vaz de – *Carta a El-Rei D. Manuel sobre o Achamento do Brasil*

Disponível em:

<https://bibliotecadigital.ebsqf.pt/download/40/Carta%20de%20Pero%20Vaz%20de%20Caminha%20-%20Pero%20Vaz%20de%20Caminha.pdf> (versão a recomendar aos alunos, visto que inclui notas de rodapé com informação bastante pertinente)

http://purl.pt/162/1/brasil/obras/carta_pvcaminha/index.html – Biblioteca Nacional (de Portugal)

<https://antt.dglab.gov.pt/wp-content/uploads/sites/17/2010/11/Carta-de-Pero-Vaz-de-Caminha-transcricao.pdf> (transcrição paleográfica e transcrição contemporânea) – Portugal, Torre do Tombo, Gavetas, Gav. 15, mç. 8, n.º 2

Recursos de apoio à leitura autónoma dos alunos

- Dicionário [Infopédia](#) (online).
- *Wikipedia*
- Glossário (de elaboração progressiva, resultante da colaboração de todos os elementos da turma, sob orientação da docente)

Tempo: Duas semanas e meia. Serão dedicados à leitura 2 blocos de 100 minutos e 4 blocos de 50 minutos (no total). Soma-se um primeiro bloco (100') para introdução da obra (ver adiante).

Tipos de sessões de leitura

- Leitura em voz alta (professora e alunos);
- Leitura silenciosa (individual ou pares) na aula;
- Revisão/resumo da leitura anterior (da competência dos alunos).

Avaliação

- Apresentação de “*Google Forms*” (de resposta rápida), a fim de promover/facilitar a verificação da compreensão da obra e dos conteúdos abordados;
- Revelação do significado de algum vocabulário (previamente indicado pela docente), vocabulário este a incluir no Glossário;
- Trabalho de pesquisa (indicado pela docente e realizado pelos discentes) sobre costumes e crenças da época, bem como de dados biográficos de figuras históricas de relevo e de marcos da história nacional;
- Elaboração de um friso cronológico com indicação resumida dos acontecimentos mais pertinentes (no final da leitura integral da obra).

Gestão do tempo dos blocos (cf. indicações do Dr. Luís Redes)

- Não serão introduzidos/abordados outros textos literários durante a leitura da obra para não diminuir o foco na história;
- Conteúdos relativos ao **género narrativo** podem ser trabalhados com recurso a exemplos de partes já lidas da obra (sempre fora do tempo especificamente dedicado à leitura);
- Durante a leitura, podem ser trabalhados **textos informativos** sobre o período histórico visado;
- Partes do texto já lido na sessão de leitura pode ser ponto de partida para trabalhar conteúdos de **gramática** e retórica (**recursos expressivos**) na sequência da leitura.

Interdisciplinaridade

- Poder-se-á operacionalizar trabalho interdisciplinar com a disciplina de História. O mesmo poderá envolver outras disciplinas, tais como: Geografia e Ciências Naturais.

Sequência de sessões de leitura

• Os minutos são estimados para um leitor médio do 9.º ano. Leitores mais lentos implicam ajustes nesta proposta (poderão ter apoio personalizado no processo de leitura, por exemplo).

• **O primeiro bloco de 100 minutos** será dedicado à contextualização histórico-cultural, a atividades de pré-leitura e ao esclarecimento quanto aos objetivos, à operacionalização e a avaliação da leitura da obra. Serão apresentadas imagens das figuras de maior relevo, a saber: Rei D. Manuel I, Pedro Álvares Cabral (comandante da frota de 13 navios), Bartolomeu Dias (comandante), Sancho de Tovar (comandante), Pero Vaz de Caminha (escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral), Vasco de Ataíde (comandante), Nicolau Coelho (comandante), Henrique de Coimbra (Frei), Pero Escobar (piloto), Afonso Ribeiro (degredado), entre outros (fonte: Wikipedia).

Cumulativamente, serão dados a conhecer aspetos biográficos, factos pertinentes e hábitos e costumes de Portugal quinhentista. Pese, ainda, que será proposto aos alunos a realização de trabalho de pesquisa (devidamente orientado e especificado).

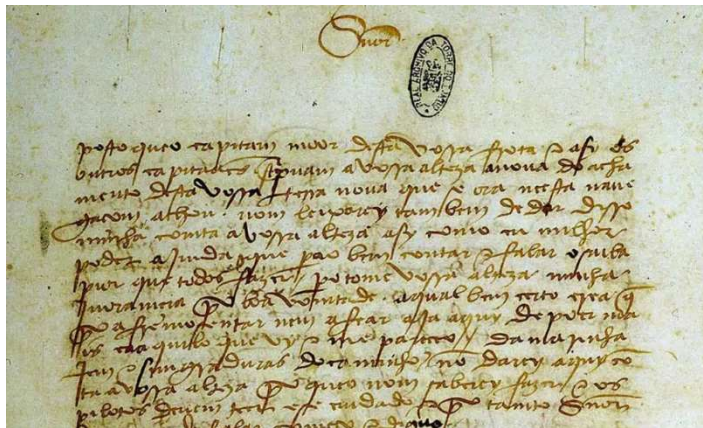
• Uma vez concluída a leitura integral da obra, em contexto de aula, serão desenvolvidas atividades no âmbito da análise textual, a par com a caracterização física e psicológica dos intervenientes na ação (e do próprio D. Manuel – caracterização indireta). Só nesse momento será viável a conclusão do glossário e o estabelecimento de uma análise comparativa com o Português contemporâneo. De notar que o conhecimento da obra original servirá como “agente facilitador” do estudo da obra Vicentina. Será também elaborado o já referido friso cronológico sobre a obra.

Ainda antes da apresentação da tabela com a **sequência de sessões de leitura**, impõe-se expor, a título de exemplo, algumas das imagens a apresentar aos alunos.



Carta de Pêro Vaz de Caminha. 1 de Maio de 1500.
Portugal, Torre do Tombo, Gavetas, Gav. 15, mg. 8, n.º 2

Transcrição paleográfica	Transcrição contemporânea
<p>Sinhor posto queo capitão moor desta vossa frota e aay os outros capitães scorpam avossa alteza anoua do achamento desta vossa terra noua que se ora nesto nau gajam achou, nom leixarey tam bern de dar disso minha conta avossa alteza aay como sy milhor poder ajnda que perao bem contar e falar o sabia por que todos fazoy / pero nome vossa alteza minha poremçia por boa vontade, aqual bem perto onza (que) por attenderem nom aliar aya de poder ma is casado que vy e me pareço / da mesma jem e simgraduras do caminho nõ darey aya nõ la a vossa alteza por que nom sabey fazer e os pilotos desam ter esse cuidado e por tanto Sñr do que ey de falar comego e digo / que apanha de belém como vossa alteza sabe foi segº feya 14 de março, e sabado xij do dito mes ambe as 11 h e a ora nos achamos entre as canareas mais perto da gram canarea e aly andamos todo aquele dia em calma avista della obra de tres ou quatro legoas, e domingo xij do dito mes aas a ora pouco mais ou menos ouvimos vista dajha do cabo verde, a dajha de sã nicolao segº dito do escotar piloto, e anoue seguinte aasegº feya 18 enachamos se perto da frota avasoo deatoye com a sua naao sem hy azer tempo forte ne[m]º contrario pera poder seer, fez occupam suas diligencias para achar ahu[m]jas e a outras partes e non pareço mais Eay seguimos nosso caminho per este mar delongº ataa terça feya doitasas de pascoa que foram xij dias dabitil que topamos alguns[m]º synaas de terra seendo da dita jha segº os pilotos dizem obra de</p>	<p>SENHOR, posto que o capitão-mor desta vossa frota e assim os outros capitães escreveram a Vossa Alteza a nova do achamento desta vossa terra nova, que se ora nesta navegacao achou, não deixarei também de dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor poder, ainda que para o bem contar e falar o sabia pior que todos fazer. Mas como Vossa Alteza minha ignorância por boa vontade, a qual, bem certo, creia que por attenderem nem afazer haja aqui de pôr mais do que aquilo que vi e me pareceo. Da mesma-jem e simgraduras do caminho não darei aqui conta a Vossa Alteza, porque o não saberei fazer e os pilotos devem ter esse cuidado. E, portanto, Senhor, do que hei-de fazer comego e digo que a partida de Belém, como Vossa Alteza sabe, foi segunda-feira, 9 de Março. E sabado, 14 do dito mês, entre as 8 e 9 horas, nos achamos entre as Canárias, mais perto da Gram Canária. E ali andamos todo aquele dia, em calma, a vista della, obra de tres ou quatro legoas. E domingo, 22 do dito mês, às 10 horas, pouco mais ou menos, ouvimos vista das ilhas do Cabo Verde, isto é, da ilha de S. Nicolau, segundo dito de Pêro Escobar, piloto. E a noite seguinte, a segunda-feira, quando lhe amanchou, se perdeu da frota a sua nação, com a sua nação, sem ali haver tempo forte nem contrario para poder ser. Fez o capitão suas diligencias para o achar, a umas e a outras partes, e não apareceu mais. (Terça-feira, 21 de Abril de 1500, 5 dias de terra) E assim seguimos nosso caminho por este mar, de longo, até terça-feira d'olivas de Pascoa, que foram 21 dias d'Abril, que topamos alguns sinais de terra, sendo da dita ilha, segundo os pilotos dizem, obra de 660 ou 670 legoas, os quais eram muitas</p>



Semanas	Blocos	Narração	Tipo de leitura	Minutos
1. ^a	50 min.	<p>Pero Vaz de Caminha dá conta do achamento de “terra nova”, na condição de escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral, asseverando a isenção do seu relato/discurso. Escusa-se de dar detalhes sobre a arte de marinhar e a faina a bordo, pois tal compete aos capitães e aos pilotos.</p> <p>Localiza temporalmente a partida de Belém (9 de março). Prossegue, narrando os avanços na viagem (Canárias, Ilha de S. Nicolau – Cabo Verde. Dá conta da perda da nau de Vasco de Ataíde (da frota).</p> <p>A 21 de abril avistam alguns sinais de terra (ervas compridas e, no dia seguinte (22 de abril), veem aves. Nesse mesmo dia, “a horas de véspera” (entre as 15h e o pôr do Sol), avistam terra. Atribuição de nome ao “grande monte” – Monte Pascoal e à terra – Terra da Vera Cruz(1), por parte do Capitão (Pedro Álvares Cabral, decerto). Seguida para terra, em navios pequenos, no dia 23 de abril. Ancoragem junto a um rio. Primeiro avistamento de indígenas. Nicolau Coelho (comandante) é incumbido de ir, num batel, “ver aquele rio”.</p> <p>Primeira descrição física dos indígenas e da sua atuação (abordagem “rija” do batel, munidos de arcs e setas). Ocorre a primeira troca de bens entre os navegadores e os indígenas.</p> <p>Temporal de 24 de abril – levantamento das âncoras e deslocação para norte, em busca de abrigo (para os batéis e esquifes).</p>	Leitura em voz alta (professora e alunos)	45 min.
	50 min.	<p>Número crescente de indígenas na praia. Avanço das embarcações e encontro de um lugar seguro para ancorar. Afonso Lopes (piloto) embarca num esquife e “toma dois daqueles homens da terra, mancebos e de bons corpos” que estão numa pequena embarcação (canoa), os quais são recebidos na nau do Capitão (Pedro Álvares Cabral, decerto) com “prazer e festa”.</p> <p>Nova caracterização física dos indígenas (com enfoque na nudez dos mesmos e nos beiços furados com um osso). Referência ao colar de ouro do Capitão e ao interesse demonstrado por um dos indígenas, dando sinal (segundo os navegadores) da existência daquele metal em terra. O mesmo sucede com um castiçal de prata e com papagaios. Referência à inexistência de práticas agrícolas ou de pastorícia. Recusa dos indígenas a comer e a beber o que lhes é dado pelos navegadores. Manifestação de procura de metais preciosos por parte dos navegadores.</p>	Leitura em voz alta (professora e alunos)	35 min.

Semanas	Blocos	Narração	Tipo de leitura	Minutos
2. ^a	100 min.	<p>Índigenas dormem na nau sem quaisquer temores. Avanço das naus e embarcações mais pequenas, a 25 de abril. Os navegadores vão tomando consciência da vastidão daquela terra. Nicolau Coelho e Bartolomeu Dias (comandantes) são enviados a terra, levando consigo os dois indígenas e diversas ofertas. Também um degredado, de seu nome Afonso Ribeiro, é enviado a terra, para que por lá fique, conviva com os nativos aprenda sobre o “seu viver e maneiras”.</p> <p>Primeira ida da maioria dos navegadores à praia onde se juntava um número crescente de indígenas. Estes pousam os arcos e as setas, respondendo às ordens dos que tinham dormido a bordo da nau.</p> <p>Entrega de cabaços e barris (dos navegadores) cheios de água por parte dos indígenas. Em troca recebiam guizos e argolas de metal (adornos).</p> <p>Nova caracterização física dos indígenas, com referência detalhada às pinturas corporais. Primeira menção a elementos do sexo feminino e sua caracterização física.</p> <p>Afastamento dos navegadores em consequência dos festejos estridentes.</p> <p>Abastecimento de água e regresso às naus. Recusa dos indígenas em permitir que o degredado ficasse com eles.</p> <p>Menção a um indígena de idade avançada que se destacava dos restantes (eventualmente por ter uma posição de liderança).</p> <p>Repouso dos capitães e restantes navegadores num ilhéu grande, apenas acessível por barco. Pesca de peixe fresco por parte de alguns marinheiros.</p> <p>26 de abril (domingo de Pascoela), realização da primeira missa, no referido ilhéu. Depois da montagem de um pátio, e de um altar, Frei Henrique (de Coimbra) disse a missa, apoiado por outros membros do Clero. Após a missa, Frei Henrique pregou uma pregação da história do Evangelho. Enquanto isso, vários indígenas assistiam às celebrações, sentados na praia.</p> <p>Aproximação de Bartolomeu Dias num esquife, o que levou à aproximação de vários indígenas. Torna-se evidente que os indígenas começam a deixar sentir temor e a aceitar a presença dos navegadores.</p> <p>Pedro Álvares Cabral questiona os restantes capitães e Pero Vaz de Caminha se acham por bem enviar notícia do achamento desta nova terra, usando o barco de mantimentos. Assim, o D. Manuel poderia enviar outras embarcações, a fim de explorarem aquela terra, enquanto a frota liderada por Pedro Álvares Cabral seguia viagem inicialmente prevista. A proposta foi aprovada.</p>	Leitura em voz alta (professora e alunos) + leitura silenciosa (individual ou em pares)	80 min.
	50 min.	<p>Decisão de deixar degredados na terra nova, para que possam aprender a língua dos indígenas e entender os seus costumes, a fim de transmitirem informação válida a futuros enviados do reino.</p> <p>Aproximação progressiva dos indígenas, homens e mulheres, sem receios.</p> <p>Persistência da falta de comunicação e da falta de evidências da existência de ouro, prata ou outras preciosidades. Contudo, um indígena mais velho trazia no beijo uma pedra verde, a qual seria enviada ao rei.</p> <p>Comparação dos indígenas a animais selvagens, por oposição aos domesticados pelo homem.</p> <p>A 27 de abril, já existe um convívio fácil entre navegadores e muitos dos indígenas “abraçavam-nos e folgavam”.</p> <p>Somam-se as trocas de bens e/ou adornos.</p> <p>Primeira descrição do tipo de habitação, casas compridas, feitas de madeira e cobertas de palha.</p>	Leitura em voz alta (professora e alunos)	40 min.

Semanas	Blocos	Narração	Tipo de leitura	Minutos
2. ^a	50 min.	<p>Continuação da descrição das casas dos indígenas e do número de pessoas que dorme em cada uma. Referência aos seus hábitos alimentares.</p> <p>A 28 de abril os indígenas presentes na praia já se apresentam sem arcos nem setas. Ajudam na recolha de lenha. Posteriormente, observam com grande curiosidade as ferramentas (de ferro) usadas para cortar lenha e fazer uma cruz.</p> <p>A quantidade de papagaios, de vários tamanhos e cores, existentes naquela terra causa espanto aos navegadores portugueses.</p> <p>Descrição dos arcos e das setas dos indígenas (certa quantidade seria enviada a D. Manuel).</p> <p>Alguns indígenas começam a aceitar a comida dada pelos navegadores portugueses.</p>	Leitura em voz alta (professora e alunos)	35 min.
3. ^a	100 min.	<p>Demonstração de veneração perante a cruz (os navegadores ajoelham-se e beijam a cruz que será erguida no dia seguinte; após receberem indicação para que o fizessem alguns indígenas repetem os atos dos navegadores).</p> <p>Referência à “inocência” dos indígenas e à (provável) facilidade da evangelização dos mesmos. Nova menção à importância do papel dos degredados, no tocante à comunicação com os indígenas, ao conhecimento dos seus costumes e à consequente evangelização em pleno cumprimento da vontade do monarca e da sua salvação (“Portanto Vossa Alteza, que tanto deseja acrescentar a santa fé católica, deve cuidar da sua salvação.”)</p> <p>Descrição dos hábitos alimentares dos indígenas e da sua vitalidade e robustez física.</p> <p>Alguns capitães começam a tomar indígenas como pajens.</p> <p>A 1 de maio é escolhido o local para erguer a cruz “para melhor ser vista” e ocorre um ritual religioso, iniciado por uma procissão. Alguns indígenas assistem e tomam parte ativa, ajudando a carregar a cruz.</p> <p>Posteriormente, foi montado um altar e foi rezada missa por Frei Henrique (de Coimbra). Cinquenta ou sessenta indígenas à missa, muito sossegados, e repetiram o comportamento dos portugueses. Ali ficaram até ao fim da comunhão, apesar Sol que “ia alto”. Alguns assistiram mesmo à pregação.</p> <p>No final. Nicolau Coelho (comandante) ofereceu cruces de estanho com cruxifixos, que Frei Henrique colocou a cada um (quarenta ou cinquenta) atada ao pescoço por um fio.</p> <p>Referência ao facto de os indígenas, aparentemente, não terem qualquer idolatria ou adoração (pelo que facilmente seriam convertidos). Apelo de Pero Vaz de Caminha para que venha um clérigo para os batizar.</p> <p>Menção da vastidão da terra (já antes referida), a qual, por si só, parece fértil e rica (apesar de não existirem evidências de outras preciosidades).</p> <p>Novo apelo à salvação dos indígenas (através da evangelização).</p> <p>Pero Vaz de Caminha assume-se servil perante D. Manuel, rogando-lhe que lhe conceda uma graça especial: consentir o retorno de seu genro, Jorge de Osório, que se encontrava degredado em S. Tomé “pelas justiça de D. Manuel.</p> <p>Datação da Carta “ilha de Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de maio de 1500”.</p>	Leitura em voz alta (professora e alunos) + leitura silenciosa (individual ou em pares)	80 min.

(1) «O dia em que o capitão-mor Pedro Álvares Cabral levantou a cruz, (...) e por esta causa pôs nome à terra, que havia descoberta, de Santa Cruz, e por este nome foi conhecida muitos anos: porém como o demónio com o sinal da

cruz perdeu todo o domínio, que tinha sobre os homens, receando perder também o muito que tinha nos desta terra, trabalhou que se esquecesse o primeiro nome, e lhe ficasse o de Brasil, por causa de um pau assim chamado, de cor abrasada e vermelha, com que tingem panos, que o daquele divino pau que deu tinta e virtude a todos os sacramentos da igreja, e sobre que ela foi edificada, e ficou tão firme e bem fundada, como sabemos, e porventura por isso ainda que ao nome de Brasil ajuntaram o de estado, e lhe chamaram estado do Brasil, ficou ele tão pouco estável, que com não haver hoje 100 anos, quando isto escrevo, que se começou a povoar, já se hão despovoados alguns lugares, e sendo a terra tão grande, e fértil, como adiante veremos, nem por isso vai em aumento, antes em diminuição.(...)

Frei Vicente do Salvador, «Do nome do Brasil», no livro História do Brasil, 1627

Conclusão:

A leitura integral da *Carta a El-Rei D. Manuel sobre o Achamento do Brasil*, de Pero Vaz de Caminha, proporciona aos alunos do 9.º ano uma experiência pedagógica rica em múltiplas dimensões.

Em primeiro lugar, importa salientar que este primeiro documento sobre o Brasil permite acesso direto ao relato de quem testemunhou o encontro entre culturas. Acresce que a leitura da obra visada promove o desenvolvimento de competências de interpretação de textos históricos e de compreensão da evolução da língua portuguesa.

Numa outra linha de abordagem, constatamos que a carta funciona como “*mirror*” ao permitir que os alunos se identifiquem com dilemas atuais: o confronto com o diferente, o respeito pelo outro e a anulação de preconceitos. As reações dos portugueses (da época quinhentista) perante o desconhecido parecem readquirir vida com as experiências dos jovens ao enfrentarem novos ambientes e culturas, promovendo, nos segundos, empatia e autoconhecimento.

Enquanto “*window*”, a obra revela um mundo completamente distinto, opondo mentalidades e diversidades o que, indubitavelmente, incute curiosidade nos jovens leitores.

Por fim, impõe-se referir que, no tocante à ética e à formação cívica, esta obra constitui um instrumento pedagógico extremamente válido para formar jovens que se querem culturalmente enriquecidos, responsáveis e eticamente conscientes.